



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

Discurso pronunciado em Petrolândia,
Pernambuco, quando da visita ao Vale do
Rio São Francisco.

— 14 de junho —

SENHOR Chefe do Poder Executivo Pernambucano, Meus senhores: — Quando, em novembro de 1945, tive a grata satisfação de me dirigir ao Povo Pernambucano, situei-lhe os problemas fundamentais de govêrno na continuação do combate contra as sêcas, no incentivo às vias de comunicações e no aproveitamento da energia adormecida nas águas do São Francisco, realizando assim a libertação do “trabalho e progresso dêste grande setor da terra brasileira”.

Era minha inspiração naquele momento focalizar, como focalizei, o tema da defesa nacional, falando ao Povo do Nordeste, que guarda com ufania um pôsto avançado, na costa do Atlântico Sul, constituindo-se em *escudo do Brasil* a atalaia histórica da mais pura brasilidade.

Hoje, aqui retorno, para ver de perto as necessidades das vossas populações sertanejas, e atualizar no meu espírito as medidas concretas com que terei de continuar a colaborar convosco na luta árdua contra dificuldades seculares e emergentes, contra óbices de todo o sempre e decorrentes da reconversão e reestruturação da nossa economia, ferida por tão constantes e profundos desacertos.

No tocante às vias de comunicações, já tive oportunidade de apontar os esforços realizados pelo Govêrno, no sentido de abrir caminhos mais seguros, mais rápidos e mais baratos para a circulação da vossa riqueza.

Agora mesmo, estamos encetando a recuperação da melhor das nossas estradas — a via fluvial franciscana — o que é um benefício de ordem geral, a transcender do plano mineiro-baiano, para compreender nas suas consequências benfazejas a própria economia nacional.

Todos sabemos que o São Francisco não é um caudal homogêneo, mas uma seqüência de correntes, de fisionomia diversa, como diversa é a fisionomia do Vale. Sem embargo disso, representa uma força no sentido da unidade brasileira. Suprimi êsse Rio, e diminuída estará a coesão de Estados centrais e litorâneos. Eis por que o seu perfil se projeta até dentro do mapa da defesa continental, assegurando-lhe inestimável valor estratégico. A êsse respeito, é o Rio São Francisco um dos elementos de segurança da inviolabilidade do nosso território.

Chamaram-no “grande caminho da civilização brasileira”, ao mesmo passo que o caracterizam como “um rio sem história”. Pois eu vos digo que êle tem história e que sem a sua menção não é possível descrever a nossa participação no último conflito mundial.

Na luta contra as sêcas, teremos de cuidar imediatamente da obra urgente de utilização das grandes massas d'água represadas, na política prática da irrigação, pois que a grande açudagem não visava nem visa à simples acumulação do líquido, senão dar-lhe serventia e socializar o seu uso, repartindo-o pela agricultura. Ao lado do emprêgo racional das massas d'água aprisionadas pelas barragens que a mão do homem construiu, há também que irrigar as terras ribeirinhas do Rio providencial.

O que, porém, vos toca, até sentimentalmente, não é tanto a navegação e a utilização irrigatória das águas fran-

ciscanas, mas, sobretudo, o aproveitamento da força-motriz para os vossos lares, para os serviços públicos e para a criação de uma civilização industrial, a ser conjugada com uma lavoura mecanizada.

Quereis que as cataratas do São Francisco deixem de ser unicamente motivo de turismo, mas se incorporem à massa dos trabalhadores que, multiplicados nas suas energias, realizarão a nossa redenção econômica; e eu o quero convosco — e já vo-lo disse no passado — pois essa terceira e última finalidade da corrente brasileira emerge das circunstâncias naturais que consagram o São Francisco, por excelência, um rio gerador de força hidráulica.

O Governo deve ser ajudado na realização do seu intento de incrementar a produção, propiciando o desenvolvimento industrial e lançando as bases da reforma agrária, a que já me referi na Mensagem submetida à consideração do Congresso Nacional.

Se a Providência presenteou a nossa Pátria com o Rio e o Vale do São Francisco, devemos corresponder com os nossos esforços na integração desse caudal na sua função histórica de condensador de ajuntamentos humanos.

As populações, que ficaram à margem na organização do trabalho nacional, aqui encontrarão abrigo seguro. Aquêles que partiram em demanda das cidades litorâneas, refugiando aos campos, poderão retornar para o trabalho compensador.

As condições de vida do trabalhador dos campos tem o Governo dedicado o máximo da sua atenção, encarando as suas necessidades com sentimento de justiça. Dos estudos já realizados, destaco, neste momento, a questão do repouso remunerado nos domingos e feriados civis e religiosos. A Mensagem que acabo de enviar ao Poder Legislativo enca-

minha anteprojeto de lei, consagrando para os trabalhadores rurais a remuneração do repouso, visando-se, com esta e outras medidas práticas complementares, a opor resistência ao êxodo para as cidades.

Esse é o nosso grande problema. Erros históricos, políticos e sociais conjuraram-se contra nós, demandando, para repará-los, um trabalho gigantesco e que reclama a boa vontade de todos, governantes e governados. É preciso criar vínculos que liguem o homem à terra, estimulando a produtividade da nossa economia agropecuária.

Abranger na proteção legislativa, real e eficiente, o trabalho do nosso interior; estabelecer condições que permitam uma efetiva melhoria no seu *standard* de vida; desenvolver a instrução e a recreação nos centros rurais; incrementar, ainda mais, a execução de um largo programa de assistência médico-sanitária, preventiva e curativa; estimular a modernização da produção, aumentando-lhe o rendimento; tudo são reclamos justos, fáceis de formular pelos interesseiros e falsos amigos do proletariado, mas que representam uma tarefa hercúlea para os que, dentro da desorganização da produção e em face da inópia de recursos, detêm as responsabilidades de govêrno.

O que não se justifica é que apareçam como patronos das classes sacrificadas, mas compreensivas das dificuldades, muitos que jamais conheceram as agruras do trabalho incessante, ou que se beneficiaram com lucros excessivos, ou que só se lembram dos nossos trabalhadores para semear entre eles, com objetivos inferiores, idéias dissolventes e incompatíveis com o gênio do nosso Povo.

A' êsses devemos responder convocando-os para ajudar o Brasil a lutar contra o espírito de ganância.

E a melhor das armas tem-na nas mãos o próprio Povo com a organização de cooperativas de produção, transporte, crédito e consumo — a que o Governo tem dado e dará, cada vez mais, uma assistência incondicional.

É essa a melhor das formas práticas por que se manifesta a solidariedade humana.

Meus senhores:

Agradecendo a agasalhadora acolhida com que me cercam neste momento a altiva gente pernambucana e o Povo do Nordeste, ergo a minha taça pelos destinos da nossa Pátria.